

A FORMAÇÃO DE VALORES E O RESPEITO À SUBJETIVIDADE DO ALUNO.

Regina Selma Marinho*

RESUMO

A autora apresenta a formação de valores como uma parte importante do trabalho do educador, discutindo a relevância de fazer este papel levando em consideração o aluno como um sujeito desejante.

Tomando por referencial a teoria psicanalítica, o artigo aponta a constituição do sujeito em sua singularidade, chamando a atenção do leitor para a atuação do educador que, ciente destes aspectos, ao invés de manipular e adestrar o aluno, coloca-se como sujeito participativo nesta transmissão de valores, baseando esta constituição nas trocas que acontecem em sala de aula. Desta maneira, discute as possibilidades e dificuldades da ligação entre psicanálise e educação.

PALAVRAS-CHAVE: educação em valores - teoria psicanalítica.

ABSTRACT

The author presents education in values as an important part in the work of the educator by discussing the relevance of this role in a way as to take into consideration the student as a wishful subject. In the context of psychoanalytic theory, this article points to the development of the subject in his or her uniqueness, drawing the reader's attention to the task of the educator who – becoming aware of such an aspect – should take a participative role in the transmission of values by fostering class interaction and exchanges rather than manipulating and training the student. Thus, the author discusses the possibilities and difficulties involved in the attempt to

* Regina Selma M. Marinho – Mestre em Psicologia, professora universitária pelo Instituto Adventista de Educação do Nordeste – IAENE e da Escola Baiana de Medicina – Fundação para o Desenvolvimento das Ciências. Membro do GT de Pesquisa Sociaprende: Educação em Valores para a Democracia. Tel.: (71) 356-7252, E-mail: semamarinho@yahoo.com.br. Consultório : R. Metódio Coelho, 91 – Cidadela – Salvador – Bahia.

link psychoanalysis to education.

KEY WORDS: education in values - psychoanalytic theory.

Educar formando valores, é sem dúvida uma grande meta da educação. Preparar a criança para a vida em sociedade, com tudo o que isto representa, inclui sem dúvida a formação de valores. Mas, que valores são estes que nós educadores estamos a formar? Seria a formação de valores uma construção baseada nas trocas e na relação com o outro ou seria a transmissão, a cópia fiel dos meus valores pessoais sendo cunhados no aluno? Seria um uma forma de oportunizar esta construção, respeitando a escolha e a subjetividade do aluno como pessoa, ou seria a apropriação do desejo do outro anulando-o para colocar em seu lugar o meu ideal que muitas vezes pode estar contendo e mascarando minha própria frustração pessoal?

Como educadora e psicóloga, muitas vezes sofri ao ver crianças e adolescentes sendo desconsiderados e desrespeitados em seus desejos, pisoteados em sua essência de sujeitos, tudo em nome da educação, da disciplina e da formação de valores. Mas, infelizmente, em meu percurso pude conhecer também educadores prudentes, maduros e amáveis que conseguiam direcionar, dar limites à voracidade juvenil, oferecendo continência ao ser em formação, sem necessitar para isto, violentar sua subjetividade.

Compreendo que as questões políticas e sociais que atravessam a educação contribuem para que este quadro dicotômico entre a filosofia e a prática da educação muitas vezes se mantenha, deteriorando o que poderia ser uma prática educacional sensata e prudente. Contudo, não me

deterei neste aspecto, por não ser este o enfoque escolhido. Desejo antes, instigar uma reflexão acerca da postura do educador como formador de valores, desafiando-o a exercer esta função sem todavia abrir mão do respeito à autonomia do sujeito.

Para isto, gostaria de abrir um espaço para buscar na psicanálise um pouco da compreensão da formação da subjetividade. Afinal, o que é o sujeito? Como a psicanálise o concebe? Para Freud (1925 [1924] p. 100) o sujeito se constitui através das primeiras experiências que vivencia em sua relação com o outro. Argumenta que por causa da imaturidade biológica do bebê humano, o nascimento é vivido como uma experiência de desamparo, de acordo com a qual, o recém-nascido é inteiramente incapaz de ajudar-se a si mesmo, no que concerne à satisfação de suas necessidades vitais. Este desamparo, então, seria a origem das primeiras situações de perigo, criando então na natureza humana, uma necessidade intrínseca e constante de ser amado. Nesta perspectiva, o nascimento seria uma situação traumática, segundo a qual ele se encontra em um estado de total dependência e passividade, uma vez que o recém-nascido ainda não tem condição de senti-la como uma “experiência de vida”. Contudo, mesmo sem poder Ter acesso a uma representação psíquica traumatizante, nem vivê-la como uma existência de separação, ele a vivencia em seu corpo, como uma angústia de morte e de separação. Daí sua dimensão traumatizante.

Enquanto não puder ser representada e

dominada pela criança, a angústia de separação do corpo materno que até então o mantinha, terá para o recém-nascido, o impacto de uma experiência de aniquilamento, que Freud denomina como uma angústia automática, que ameaça a integridade do ego. É só quando a criança constata que pode viver separada da mãe sem correr o risco de ser aniquilada, que ela consegue controlar a situação traumatizante do desamparo.

A experiência de desamparo, é revivida pela criança ao temer perder a mãe como objeto de amor. Nesta fase, a criança já consegue investir a mãe como objeto de amor, mas não consegue distinguir uma ausência temporária de uma perda definitiva. No início, para ela só existe o que pode ser visto, sentido, tocado e ouvido. Quando a mãe não está ao alcance dos seus sentidos, é como se tivesse desaparecido e a criança imagina que a perdeu. Esta seria uma situação traumática, principalmente, se, ao constatar a ausência da mãe, a criança sente também alguma necessidade que a mãe deveria satisfazer.

Quando, através das experiências com a mãe, a criança constata que perder a percepção do objeto não equivale a perder o objeto, surge então o medo de perder o amor do objeto, o que poderá ser tão traumatizante quanto perder o objeto. Se o objeto materno está presente, mas a criança descobre que não pode contar com seu amor, o estado que se abre para ela é o do desamparo, porque sem o amor da mãe, a criança não se sente protegida dos perigos da vida.

A constituição do sujeito portanto para Freud, depende da relação com o outro, que neste momento inicial é representada geralmente pela mãe ou pela pessoa que a substitui. Chama atenção para o desamparo inicial do ser humano, quando

as exigências da vida se apresentam como necessidades, que buscam uma satisfação. A necessidade é uma força constante que exige uma ação específica produzida pelo mundo externo, ou seja, uma atitude da mãe ou da pessoa que a representa, para satisfazer as necessidades do bebê, para proporcioná-lo uma experiência de satisfação, uma vivência de apaziguamento. É através destas trocas, destas primeiras experiências de necessidade e apaziguamento ou não que o sujeito vai se constituindo. A perda do seio, a separação do objeto, permite ao eu nascer, Ter acesso ao eu realidade, distinguindo-se do objeto, constituindo-se como sujeito.

Com semelhante intuição científica e olhar clínico, Winnicott (1956, p. 493.), explora este movimento inicial mãe-bebê, como uma fase marcante para o desenvolvimento emocional sadio. Enfoca que a separação que precisa ocorrer entre a mãe e o bebê, deverá ser suavizada por um “holding” adequado. Isto permite que a mãe, que anteriormente encontrava-se unificada ao bebê em seu período de total dependência, separe-se gradualmente dele, sempre atendendo às suas necessidades e facilitando seu movimento rumo à dependência relativa.

Ao se referir ao nascimento, principalmente no trabalho “Recordação do Nascimento, trauma do nascimento e ansiedade”, Winnicott (1949, p. 315), postula que mesmo a natureza “aparentemente traumática” do nascimento é acomodada pelos preparativos maturacionais que ocorrem no feto antes dele nascer. Ou seja, o nascimento não pode Ter para o bebê a conotação de um trauma, pois ele ainda não é alguém com condição psíquica para vivenciar esta experiência. Dentro de um processo maturacional, ele nasce e

reage à invasão que o nascimento envolve, uma vez que é uma invasão para o qual ele já está preparado. O importante para Winnicott é o ambiente (mãe ou alguém que a represente) que o recebe para atenuar esta invasão, a fim de que o bebê não esteja constantemente sendo solicitado a reagir a invasões, comprometendo assim sua existência.

Enquanto Freud deu muita ênfase à angústia e a todas aquelas manobras defensivas do ego vivenciadas frente aos desafios da vida humana vivenciadas sob a forma de conflitos emocionais, psíquicos e pulsionais, Winnicott apresentou a realidade do desenvolvimento maturacional do bebê, examinando o caráter dos recursos ambientais (maternos) para a personalização do potencial psíquico e pulsional do bebê no sentido da plenitude do self. Segundo Winnicott (1945, p.271), um dos primeiros resultados do desenvolvimento satisfatório do bebê é a “integração”. Uma função que ele atinge através do “holding” que a mãe lhe oferece, tendo a possibilidade de usufruir da harmonia e identificação com a mãe nestes momentos iniciais. Caso o ambiente não corresponda a estas necessidades, ocorre um processo doloroso denominado por ele de “desintegração”, o que é caracterizado por uma angústia muito intensa e incontrolável que traz a sensação de despedaçamento, de estar caindo em um poço sem fundo, podendo assim comprometer a estruturação de sua personalidade.

Winnicott (1964 p. 53) portanto, considera a mãe como quase o próprio ambiente para o bebê, já que no primeiro período, nos primeiros meses, a mãe é confundida com o ambiente. Quando o ambiente é harmonioso, torna possível a constituição do self do bebê, ou a noção de si mesmo. Nesse período,

a dependência do bebê para com a mãe é tão grande e necessária para a relação, que falhas na maternagem, no momento em que a dependência ainda é absoluta, poderiam ameaçar a constituição do self. Na perspectiva winnicottiana, o self verdadeiro é um potencial herdado (mas que precisa ser desenvolvido na dependência da mãe ambiente), experimentado na continuidade da existência, por meio da qual se permite à criança construir gradativamente a realidade psíquicas pessoal.

Lacan (1901 – 1980 , p. 53), como um bom leitor de Freud, enriquece esta compreensão pois ressalta nesta dinâmica mãe-bebê, a constituição de algo que é fundamental para a estruturação do sujeito : o desejo. O grito do bebê é interpretado pela mãe como demanda, pedido. A experiência de demanda é prévia à constituição do desejo. O bebê apela para a satisfação da necessidade, mas a demanda também é uma via de mão dupla: criança - mãe, / mãe – criança. Nesta relação de amor (criança – mãe), a criança vai em busca da presentificação do outro, e é através destas experiências, através da demanda do outro (mãe), que a criança passa a formar seus significantes. É portanto, através da satisfação das necessidades do bebê (fome, sede, frio), apoiadas na demanda da mãe, que constitui-se o desejo do sujeito com todos os significantes que ele constrói. Para Lacan portanto, o infante só é sujeito quando consegue articular dois significantes: estar inserido no mundo da linguagem (e isto de certa forma ele está desde que é concebido, através das leis que o protegem, embora ele ainda não tenha esta percepção), e articular também esta demanda incondicional de amor. O infante acredita que depende do outro para satisfazer suas necessidades de amor. É através

da necessidade que se constitui a pulsão, o desejo, que o constitui então como sujeito, através dos significantes que ele atribui ao mundo e as relações que estabelece com a vida, formando assim sua subjetividade.

A FORMAÇÃO DE VALORES NO PROCESSO EDUCATIVO

Embora sob enfoques bastante diferentes, vejo nestes autores uma reflexão que destaca a importância das primeiras relações que o ser vivo estabelece com o mundo para a constituição de sua subjetividade. É esta subjetividade que é constituída tão precocemente com base em trocas tão significativas para o psiquismo humano que o educador precisa Ter sensibilidade para respeitar ao procurar formar valores. Olhar para o aluno como um sujeito portador de desejos, ou como alguém que possui sua “realidade psíquica pessoal”, ou ainda alguém cuja subjetividade está se constituindo, exige uma postura de respeito ao ser humano que ali se apresenta. É uma posição bastante diferente de olhá-lo como um “folha em branco”, na qual eu, educador, posso “escrever” o que desejar... Formar valores, nesta perspectiva então, não seria moldar uma personalidade segundo a minha concepção de mundo, segundo o meu código de ética, tal qual uma pedagogia ortopédica, mas numa dimensão muito maior, seria facilitar para que neste processo de desenvolvimento que é sobretudo interno, ocorra a sublimação que permitiria ao aluno direcionar suas pulsões sexuais, agressivas para objetivos mais nobres e aceitáveis socialmente. Para isso, exige-se do educador não apenas recursos metodológicos ou didáticos, mas recursos internos que só serão alcançados por uma personalidade madura que o possibilita ser humilde

para reconhecer suas próprias pulsões sexuais e agressivas, pois só assim ele poderá ver e respeitar o aluno como um sujeito portador de desejos, que ainda que nem todos possam ser realizados, estarão à todo instante se manifestando, podendo inclusive , ser expressos pela palavra.

Formar valores é a essência do trabalho educativo. Freud (1930/1974, p. 82) chama atenção para este aspecto quando reflete acerca do caráter repressivo da educação, considerando ser esta sua marca maior. É à educação que cabe a função de impor limites, de conter, de renunciar a total satisfação das pulsões a fim de que a vida em sociedade seja possível e a saúde mental seja preservada.

Freud (1913/1974 p. 200) demonstrou o desejo de que suas descobertas fossem conhecidas pelos educadores não com o intuito de formar uma “pedagogia psicanalítica”, mas certamente com o desejo de mostrar ao educador que estes valores que ele tenta enaltecer e formar no educando, não deveriam ser feitos na tentativa de suprimir as pulsões pela força, pois estas severidades seriam danosas e inoportunas. Deseja mostrar que o educador, como adulto, fará mais péla formação de valores se reconhecer sua própria fragilidade, seus próprios impulsos sexuais e agressivos do que se buscar negá-los por trás de um falso moralismo. Formar valores é ser capaz de reconhecer no outro as dificuldades reais existentes entre o que se almeja alcançar socialmente e o que surge a todo instante sob o impacto das emoções construídas com sua história pessoal de vida.

Nesta direção, Aragão (1944: 38), fala que a educação “não deveria dar a criança a impressão que todos os seus impulsos são perigosos” Mauco (s. d. p. 193 - 194) diz que “a qualidade das relações

humanas é função do grau de maturação afetiva, e essa maturidade não se pode atingir enquanto o indivíduo estiver fixado a modos arcaicos de comportamento em que dominam captação e posse(...) Para que esta relação leve à maturidade e seja portanto educativa - é preciso que os próprios educadores tenham atingido o estado adulto. (...) Qualquer ação educativa deve ser afirmação dessa superioridade do adulto, que se torna um modelo a imitar e com o qual são possíveis as trocas fortalecedoras da criança. (...) o educador que responde subjetivamente e, logo, captatoriamente, ou de uma maneira agressiva à criança, regressa ao seu nível. (...) Colocar-se no lugar da criança para compreendê-la não significa alienar-se nela, mas manter a distância que facilita a compreensão objetiva da criança e ajuda o educador no seu próprio domínio”.

Para que a escola e o educador cumpram sua função formadora de valores, há de ser necessário reconhecer o desejo do aluno, com suas múltiplas manifestações. Há de se reconhecer que o sujeito (aluno), carrega dentro de si uma necessidade intrínseca e constante de ser amado. É justamente sendo reconhecido e respeitado em sua subjetividade, através de uma postura continente por parte do educador, que o permite acolher e conter as manifestações conflitantes do desejo do aluno, que este será capaz de sentir-se amado e reconhecido, passando então os demais valores a representar algum significado.

Apesar de Freud ter se referido à educação como uma “tarefa impossível”, creio que entre outras coisas ele estava refletindo sobre a importância de se reconhecer os limites da educação e a necessidade deste trabalho pessoal por parte do educador que envolve uma articulação

com seu saber, seus desejos e suas frustrações. Só assim, ele será capaz de assumir uma postura humilde, humana, que o conduzirá neste caminho da formação de valores acolhendo e respeitando a subjetividade, os desejos e a escolha do aluno.

Diante destas reflexões portanto, a formação de valores sem anulação do sujeito só poderá ser alcançada por um educador maduro, que tenha ousado reconhecer seus próprios desejos mais reprimidos, e seu limite entre o querer e o fazer. Um educador que antes de ser um “herói” aplaudido pela sociedade, com idéias megalomânicas do “poder” da educação, se reconheça como um ser desejante, limitado, marcado pela falta e frustração que a vida o conduziu, levando-o assim a buscar o preenchimento, a compensação, em muitas coisas, inclusive em sua missão de educar.

Embora do ponto de vista epistemológico, psicanálise e pedagogia sejam opostas em sua estrutura, creio que pode haver sim, na prática e na teoria possibilidades de encontrar alternativas para este casamento tão delicado : psicanálise e educação, principalmente se considerarmos a utilidade da psicanálise como uma teoria que permite ao educador levar em conta o sujeito. Algumas experiências que acontecem no dia a dia de muitos educadores maduros, flexíveis e maleáveis, atestam também a possibilidade de encontrar uma harmonia entre o discurso e o fazer do trabalho educativo. A possibilidade de olhar o outro como um sujeito desejante e reconhecer-se com um sujeito marcado pela falta, frustrações e limites que a vida impõe, permite assumir uma postura de flexibilidade e respeito à pessoa humana, não importando se esta pessoa é o aluno, os pais, ou os colegas de trabalho. Formar valores nesta perspectiva, portanto, leva o educador a abandonar

técnicas de adestramento, captação e posse. Ao invés disso, coloca-se como sujeito, oportunizando situações onde os valores serão observados e vivenciados por estes alunos, que, ávidos de achar seu lugar no mundo, assimilam os que de alguma forma sintonizam com sua singularidade, ou lhes

fazem algum sentido no processo de construção de sua subjetividade. Creio que só nesta dimensão, a formação de valores poderá ser terapêutica e educativa, na medida em que oferece contenção à inquietude juvenil, oferecendo-lhes um suporte maior que normas, padrões ou discursos moralistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, R.. O (1994) *Psicanálise e Educação: Conflito ou conciliação?* In: BUCHER, R ALMEIDA, S. F. C. de (orgs). *Psicologia e Psicanálise. Desafios.* Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 2 ed.
- FREUD, S. (1913 / 1974}. *O Interesse científico da psicanálise.* In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, vol. 13
- _____ (1925 / 1974). *O Ego e o Id.* In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, vol. 19.
- _____ (1930 / 1974). *O mal estar na civilização.* In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, vol. 21.
- LACAN, Jacques, (1901/1980) *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)* Jacques Lacan- texto estabelecido por Jacques Alain Miller - trad. De Vera Ribeiro . R. de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1999 C Campos Freudiano no Brasil.
- MAUCO. G. (s. d.) *Psicanálise e Educação.* Lisboa, Moraes editores.
- WINNICOTT, D. W. (1958 / 1945) *Desenvolvimento Emocional Primitivo.* In: Textos selecionados da Pediatria a Psicanálise. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1933.
- _____ (1958/1949) *Recordação do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade.* In: Textos S Selecionados da Pediatria à Psicanálise. Trad. Jane Russo, Rio de Janeiro, F. Alves, 1933, cap. 14.
- _____ (1958/1956) *Preocupação Materna Primária.* In: Textos selecionados da Pediatria à P Psicanálise. Trad. Jane Russo, R. de Janeiro, Francisco Alves, 1933.
- _____ (1986/1964) *O Conceito de Falso Self* In: Tudo Começa em casa. Trad. Paulo Sandler. São P Paulo, [Martins Fontes, 1966.